



O congelamento do governo Trump em ajuda externa deixou em risco organizações humanitárias, interrompendo os serviços de salvamento e colocando em risco o futuro do setor. Mesmo que as organizações encontrem maneiras de continuar seu trabalho, os especialistas dizem que a medida coloca a reputação global dos Estados Unidos em risco.

O governo Trump anunciou um congelamento abrangente e sem precedentes na assistência estrangeira na semana passada. Isso interrompe bilhões de dólares: no ano fiscal de 2022 (os números relatados mais recentemente), os EUA prometeram US \$ 70,3 bilhões em ajuda humanitária e outros esforços estrangeiros de “paz, segurança e desenvolvimento econômico”.

Embora o secretário de Estado, Marco Rubio, tenha emitido uma renúncia a serviços de salva-vidas, Alex de Waal, diretor executivo da World Peace Foundation, diz que a definição do que conta como esse tipo de ajuda não é clara. Os próprios trabalhadores humanitários de ajuda dizem que ainda há pouca orientação ou clareza sobre quais organizações se qualificam e se essa permissão substitui as cartas de suspensão que receberam.

Também não está claro se a renúncia cobre coisas como coleta de [dados](#) ou sistemas de informação que permitem que o trabalho de ajuda ao vitalício funcione com eficiência. O site de sistemas de alerta precoce da fome, administrado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), por exemplo, tornou-se indisponível após o anúncio. “Talvez a coleta de dados não seja vista como salvando vidas, mas é como dizer a um médico: ‘Você pode administrar medicina, mas não pode dar um diagnóstico’”, diz De Waal.



O que você vai ler:



- [Trabalho humanitário no Sudão, Uganda e outros países pararam](#)
- [Risco para todo o setor humanitário](#)
- [Destrutivo para a segurança nacional dos EUA](#)

## **Trabalho humanitário no Sudão, Uganda e outros países pararam**

O congelamento diz respeito não apenas aos novos contratos, mas também aos contratos atuais - incluindo os governos estrangeiros, que podem ser considerados tratados. De Waal diz que isso significa que é uma quebra de contrato e ilegal. Isso também significa que as organizações humanitárias estão preocupadas com o fato de não serem reembolsadas pelo trabalho que eles já foram contratados.

Até que mais orientações sejam emitidas pelo Departamento de Estado ou pela USAID, “realmente precisamos continuar assumindo que nossas atividades devem ser suspensas”, diz um trabalhador assinado em uma organização que trabalha em países como Sudão, Uganda e Somália. “E isso é verdade para praticamente todos (organizações não - governamentais internacionais, ou InGos).”

O impacto para as pessoas nesses países já é devastador. No Sudão, a organização desse trabalhador administra centros de alimentação para bebês e crianças desnutridos, que requerem cuidados de 24 horas. “Ter que fechar imediatamente esses centros de alimentação significa que esses bebês morrerão em questão de horas”, dizem eles.

Em Uganda, a organização administra centros de recepção e trânsito para refugiados provenientes do Congo. Na semana passada, a cidade de Goma do Congo caiu para as forças rebeldes, levando ainda mais violência e insegurança. Isso significa que o número de refugiados que entram em Uganda está crescendo, mas com o fechamento desses centros - que fornecem alimentos, abrigos e serviços organizacionais - os refugiados ficam sem apoio.

“Então você começa a jogar isso - o que isso parece, pois mais e mais pessoas vêm todos os dias por causa da violência que acontece no Congo, e continua a não haver ninguém realmente organizando recém -chegados?” o trabalhador sênior diz. “Você pode imaginar que isso levará à escassez contínua de recursos no terreno, e então conflitos e violência ocorrerão quando não houver ordem lá, e mais e mais pessoas (estarão) à beira da fome.”

## **Risco para todo o setor humanitário**

Alguns grupos, principalmente se tiverem [financiamento](#) privado, poderão continuar seu



trabalho durante esse congelamento. Para o trabalhador que falou com *Empresa rápida* porém, o risco é grande demais para sua organização de médio porte. Continuar seu trabalho pode resultar em milhões de dólares em custos descobertos e nenhuma garantia de que eles seriam reembolsados pelo governo dos EUA.

Eles já temem ter esses custos devido a detalhes como as leis trabalhistas sudanesas, que exigem um aviso de seis meses para os funcionários antes que seus contratos sejam rescindidos. Isso significa que, mesmo que a organização interrompa seu trabalho imediatamente, ela ainda precisará pagar centenas de trabalhadores da linha de frente por seis meses de emprego. “Se esse é um custo descoberto de US \$ 2 milhões – apenas para o Sudão, para não mencionar (os outros países em que trabalhamos) – vamos subir”, diz o trabalhador. “Como quase todos os contratados Ingo e USAID.”

Embora ainda existam muitas incógnitas em meio ao caos, o trabalhador assinado observou que doações para organizações que realizam trabalho humanitário podem ser cruciais para permitir que eles continuem seus serviços. Eles também defenderam a pressão sobre o Congresso e elegeram funcionários “para dizer que isso não é convidável, não é quem somos, e não queremos ver isso acontecer”.

## **Destruutivo para a segurança nacional dos EUA**

Além do terrível e imediato pedágio humano e o risco para o trabalho humanitário em geral, o congelamento também ameaça as relações internacionais e a segurança nacional. Muitas administrações americanas viram ajuda externa como uma questão de segurança nacional, diz De Waal, e mesmo que o financiamento seja restabelecido, o congelamento “basicamente enviou enormes ondas de choque” pelo mundo de nós aliados.

Isso ocorre porque a reputação dos EUA agora está sendo atingida. “Ele telegrafia tão claramente que os Estados Unidos não são um parceiro confiável. Não é uma entidade em que você possa confiar ou depender para cumprir sua palavra”, diz Hilary Matfess, professor assistente da Escola de Estudos Internacionais da Universidade de Denver Josef Korbel. “E essa é uma narrativa muito fácil de explorar se você é um dos nossos concorrentes de poder próximo ou de grande poder”.

Isso poderia estimular o sentimento anti-EUA e muito mais. Sem os EUA que fornecem ajuda necessária em todo o mundo, haverá um vácuo que outros países podem estar estrategicamente preencher. “Se você é a Rússia ou a [China](#) agora, você só precisa estar sentado sem vertigação para ver os Estados Unidos estarem tão dispostos a sacrificar a reputação que foi construída através de seus programas de ajuda”, diz Matfess, acrescentando que de uma política perspectiva, isso foi como os EUA “atirando no pé”.

Combatendo a influência de poderes crescentes como a Rússia e a China está concluída, diz Matfess: “Em parte cultivando alianças globais e dobrando em parcerias com base na idéia de que podemos fazer o bem no mundo. . . . Essa retirada sugere que tudo isso é frágil e



insustentável. ” Também sugere que a abordagem dos EUA às relações externas é “intimidar” seu caminho para manter a influência, ela observa, embora diga que não “tem muita fé por ser capaz de trabalhar”.

De Waal chamou a ação de congelar a ajuda externa de “totalmente impetuosamente e imprudente”. Ele diz que a medida só faz sentido no contexto de uma reinicialização total da estratégia dos EUA. (O objetivo dessa reinicialização pode ser mudar completamente a abordagem do país à ajuda externa; o congelamento veio como parte da agenda da “America First” de Trump, e um memorando do Departamento de Estado observou que Rubio, nos próximos meses, decide se deve “Continue, modifique ou encerrar programas.”)

“Mas no momento entre pressionar o botão de reinicialização e a reinicialização”, diz De Waal, “um monte de estragos pode acontecer”.